

**Folkmídia:
a difusão do folclore
pelas indústrias midiáticas**

Coordenação:

**Cristina Schmidt
Maria Cristina Gobbi
Rosa Nava
Andral Tavares
Orávio de Campos Soares**

Prefácio:

José Marques de Melo

**CDRom editado pela FAFIC, em parceria com a
Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação**

Campos de Gortacazes, 2003

Prefácio

Folkmídia: a difusão do folclore pelas indústrias midiáticas

**José Marques de Melo
*Titular da Cátedra UNESDO/UMESP de Comunicação***

O século XXI emerge sob o signo da globalização acelerada. Na esfera político-econômica, os encontros anuais de Davos e Porto Alegre oferecem nítidas evidências desse processo mundializador. Agentes da economia internacionalizada e militantes políticos anti-globais reúnem-se para explicitar suas teses e antíteses. Trata-se, contudo, de eventos e performances que se esgotam no imaginário das elites, diante dos quais as camadas populares agem como meros espectadores midiáticos. Sem apreender-lhes o sentido, os cidadãos comuns que habitam os subúrbios ou grotões das sociedades nacionais terminam por alijar da sua vida cotidiana a retórica dessas manifestações periódicas.

Há, contudo, uma outra dimensão do fenômeno, nem sempre perceptível a olho nu, mas que repercute intensamente nas conversações familiares, projeta-se nos grupos de vizinhança e acaba sendo incorporada ao universo simbólico das comunidades periféricas. Trata-se do mosaico cultural que a mídia globalizada enseja diariamente, rompendo o isolamento social em que os cidadãos comuns viveram até recentemente. Costumes, tradições, gestos e comportamentos de outros povos, próximos ou distantes, circulam amplamente na "aldeia global". Da mesma forma, padrões culturais que pareciam sepultados na memória nacional, regional ou local

ressuscitam profusamente, facilitando a interação entre gerações diferentes, permitindo o resgate de celebrações, ritos ou festas aparentemente condenados ao esquecimento.

Esse torvelinho cultural que antagoniza, compara, distingue, mescla símbolos de diferentes nações, regiões, cidades, bairros, povoados constitui expressão contumaz daquela riqueza do folclore midiaticizado, dimensionado com perspicácia na teoria folkcomunicação formulada na tese de doutorado de Luiz Beltrão (1967). Trata-se, em verdade, nesta conjuntura de sedimentação da "sociedade digital", de seqüência histórica daquele episódio que Marshal McLuhan havia explorado com argúcia e astúcia em seu livro de estréia *The Mechanical Bride* (1951).

O folclore da sociedade industrial refletia, há meio século, a apropriação da "cultura popular" pela poderosa "cultura de massas", processando símbolos e imagens enraizados nas tradições nacionais dos países hegemônicos e convertidos em mercadorias para o consumo das multidões planetárias. Por sua vez, o folclore midiaticizado, típico da sociedade pós-industrial, configura-se como mosaico de signos procedentes de diferentes geografias nacionais ou regionais, buscando projetar culturas seculares ou emergentes no novo mapa mundial.

Os espaços ocupados pelas tradições populares na agenda midiática contemporânea correspondem a iniciativas destinadas a preservar identidades culturais ameaçadas de extermínio ou estagnação, quando confinadas em territórios pretensamente inexpugnáveis. Mas também podem funcionar como alavancas para a renovação dos modos de agir, pensar e sentir de grupos ou nações empurrados conjunturalmente para o isolamento mundial, permanecendo refratários à incorporação de novidades.

Assim sendo, o folclore midiaticizado possui dupla face. Da mesma forma que assimila idéias e valores procedentes de outros países, preocupa-se também com a projeção das identidades nacionais, exportando conteúdos que explicitam as singularidades dos povos aspirantes a ocupar espaços abertos no panorama global.

O caso brasileiro torna-se paradigmático neste início de milênio. Nossa cultura nacional foi amalgamada pela conjunção de símbolos oriundos de povos multifacetados. O contingente lusitano trouxe-nos um legado híbrido de tradições euro-latinas, incorporando porém traços civilizatórios assimilados nos territórios africanos e asiáticos onde suas naveas aportaram pioneiramente. Essa matriz hegemônica incorporou traços inconfundíveis das civilizações ameríndias que habitavam o nosso litoral, nos tempos da colonização, e que foram expulsas da faixa atlântica, sobrevivendo isoladamente na selva amazônica e outros focos bravios. A elas se juntaram os costumes e expressões das comunidades africanas, trazidas compulsoriamente nos navios negreiros para desempenhar funções produtivas nas plantações açucareiras, pecuária extensiva ou nos complexos auríferos.

Dessa imbricação simbólica resultou uma pujante "cultura popular" responsável em grande parte pela natureza da identidade nacional brasileira, que se reproduziu heterogeneamente durante cinco séculos em todos os quadrantes da nossa geografia. Contudo, os traços explicitamente homogêneos da chamada "cultura brasileira" são aqueles herdados da "cultura erudita" euro-latina, disseminados sistematicamente pela rede escolar, igreja católica e outras instituições respaldadas pelo aparato estatal.

Trata-se de dualismo cultural que se foi alterando, no decorrer do século XX, pela penetração de padrões consentâneos com a fisionomia polifacética da emergente

“cultura de massas”, importada de matrizes inicialmente européias e ultimamente das indústrias simbólicas norte-americanas. Essa corrente teve efeitos significativos na configuração do nosso perfil cultural contemporâneo, que deixa de refletir o “arquipélago cultural” outrora identificado por Manuel Diegues Jr., projetando aquela faceta que Renato Ortiz rotulou apropriadamente como a “moderna tradição brasileira”.

Estamos, portanto, em pleno processo de transmutação da nossa identidade cultural, compelidos a continuar importando padrões oriundos das matrizes da indústria mundial de bens simbólicos, mas também participando desse mercado internacional potencializado pela cultura massiva.

Justamente para inventariar a atuação da indústria midiática na difusão do folclore brasileiro, a Rede Folkcom reúne-se novamente, em São João da Barra, Rio de Janeiro, no período de 3 a 6 de abril de 2003. A Faculdade de Filosofia de Campos, através do seu Curso de Comunicação Social, promove a VI Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Além de palestras, painéis e mesas redondas, com a participação de especialistas convidados, o encontro reunirá a nova geração de pesquisadores da folkcomunicação. Esses jovens entusiastas da cultura popular e das formas de expressão peculiares às classes subalternas apresentarão os resultados dos estudos recentemente efetuados em universidades ou movimentos sociais.

Trata-se de um conjunto de incursões no terreno folkcomunicação que ampliam de modo significativo o universo originalmente esboçado por Luiz Beltrão. Em seu tempo, o mestre pernambucano privilegiava aquelas expressões populares geradas a partir de motivações que os intelectuais das periferias recebiam através dos meios de comunicação de massa. Naquela época, os intelectuais orgânicos da nossa sociedade vaticinavam a o desaparecimento das manifestações culturais que eles rotulavam como sobrevivências de um mundo decadente. Seus vaticínios não se confirmam, neste início do século XXI. Tais mecanismos simbólicos subsistem bravamente nas brenhas, grotões, arruados, favelas ou cortiços, irradiando-se pelas outras instâncias da nossa sociedade.

Estabelecendo sintonia com as demandas sociais, numa estratégia sagaz de sobrevivência mercadológica, a mídia inclui em sua agenda essas demonstrações inequívocas dos excluídos do banquete cultural hegemônico. Enquanto as nossas elites culturais continuam fascinadas pelas tradições importadas d’além, os interpretes das comunidades marginalizada continuam a produzir seus próprios signos, destinados as ecoar temores, alegrias, perplexidades, esperanças.

O panorama de tais expressões populares está contido nos textos enfeixados por este CD Rom, que os agrupa em 8 tópicos: 1. Folkmídia: gêneros e formatos, 2. Memória folkmidiática, 3. Folkcomunicação diversional, 4. Folkcomunicação utilitária, 5. Folkcomunicação religiosa, 6. Folkcomunicação nas festas populares, 7. Folkcomunicação erótica e pornográfica, 8. Folkcomunicação: perspectivas multidisciplinares.

Além de registrar o agradecimento da Cátedra UNESCO/UMESP de Comunicação à equipe organizadora da Folkcom 2003, através do incansável e diligente Prof. Andral Tavares (FAFIC), torna-se importante mencionar o papel sedimentador e instigante da presidente da Rede Folkcom, Profa. Dra. Cristina Schmidt (UMC), responsável pela seleção dos trabalhos. Merece destaque também a atuação mediadora e consolidadora da Diretora de Documentação e Publicação da Cátedra

UNESCO/UMESP, Profa. Dra. Maria Cristina Gobi, responsável pela edição acadêmica deste produto digital.

São Bernardo do Campo, 19 de março de 2003-03-20